

## NEM APOCALÍPTICOS, NEM INTEGRADOS

Maria Thereza Fraga ROCCO \*

---

**RESUMO:** O artigo trata basicamente das relações Televisão-Educação. Partindo de posições teóricas encontradas em alguns trabalhos já realizados no Brasil e no Exterior, o texto procura refletir sobre a realidade da Televisão, em termos de nosso país e de outros, bem como sobre a posição da escola diante da TV, fenômeno inalienável a nosso tempo e, por conseguinte, carente de estudos, sob prismas os mais variados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indústria Cultural. Cultura Popular. Televisão. Escola e TV. Família e TV. Processos de Emissão, Percepção e Recepção. A Linguagem da TV e a Linguagem Verbal na TV.

---

Desafio enorme. Excessiva abrangência. Composição em abismo. Relação especular. Exigência, a um só tempo, de análises compartimentadas e integradoras.

São essas algumas das sensações que se experimenta e necessidades que se tem, ao tentar refletir e escrever a respeito de televisão e, no caso, a respeito de televisão e educação. E por que motivo?

Na verdade, pensar-se no fenômeno televisão hoje é abrir um leque de infinitas possibilidades.

Pensar-se no fenômeno televisão hoje nos remete a indagações gerais sobre cultura lato senso, sobre formas particulares de cultura popular — sim, porque não há apenas uma modalidade de cultura popular — e ainda sobre a discutível e discutida “cultura” de massa. Preferimos adotar aqui a expressão “indústria cultural”, plasmada por Adorno e Horkheimer e empregada pela primeira vez em 1947 na obra “Dialektik der Aufklärung”.

Pensar-se no fenômeno televisivo implica ainda evidentemente em análises sociológicas e psicológicas seja de noções tais que *massa*, *público*,

---

\* Professora Assistente Doutora do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada. Faculdade de Educação. USP.

*opinião pública*; seja de noções tais que *percepção, recepção, comportamento de grupos*.

Logicamente não se pretende aqui um estudo em profundidade da questão. Pelo contrário: a tentativa é antes de realizar um esboço da problemática televisual, sobretudo quando esta se relaciona com a escola e instituições paralelas outras, bem como efetuar um breve apanhado, mais à guisa de ilustração, do que se tem feito no Brasil e no Exterior sobre o assunto.

Que representa a televisão na vida do homem contemporâneo? Que influências (positivas e/ou negativas) pode ou não exercer? Quem é o telespectador? Parte de "massa" informe ou indivíduo personalizado, diferenciado por dados específicos e únicos? Que linguagem ou linguagens usa a televisão para ser tão atraente? De que meios dispõe a fim de que seu efeito encantatório se torne ilimitado? Televisão é apenas imagem ou muito mais que isso? Até que ponto vai seu poder persuasório, se é que tal poder existe? Até que ponto é capaz de formar/informar/deformar/ilustrar/educar? Adapta-se, como veículo, apenas a alguns sistemas sociais e políticos específicos ou é maleável e amoldável às contingências e circunstâncias do "hic et nunc"? Se apaixonada, condiciona, habitua crianças, jovens, adultos e velhos, que efeitos, a nível de formação, poderá ou não causar principalmente sobre os menores em pleno processo de desenvolvimento?

É claro: não temos todas as respostas. Possuímos, sim, algumas, mas nem sempre tão definitivas nem definidoras como a própria natureza das questões levantadas o exigiria. Como bem mostrou U. Eco, num achado verbal muito feliz, diante dos veículos de massa, mormente diante da TV, mesmo que o próprio Eco considere "genéricos" e "polêmicos" os conceitos e um tanto "injusta" sua utilização, diante da TV, as atitudes das pessoas, em geral, fazem com que as classifiquemos ou como "apocalípticas" ou "integradas"<sup>(1)</sup>.

Assim, à boca pequena, sem que ninguém nos ouça, ainda que o título do presente texto diga o contrário, somos todos um pouco "apocalípticos", todos um pouco "integrados", diante dos "media". Aproveitando então tal achado lúcido e lúdico de Umberto Eco, mais como um ponto de partida, e uma vez desbastado de seu caráter hiperbólico, irei analisar algumas experiências, pesquisas e relatos sobre TV, inicialmente de forma mais ampla e depois tentando chegar ao ponto básico a que me propus, qual seja: o de equacionar elementos da problemática TV — Educação; Imagem — Linguagem Verbal. Caberá ao leitor, se julgar oportuno, tentar descobrir aqui ou ali o *caráter menos* ou *mais* "apocalíptico", *menos* ou *mais* "integrado" das afirmações. Mas isso é o que menos importa em nossa história.

Numa pequena cidade do interior do Estado de São Paulo — Ibitinga — Luiz Augusto Milanesi, autor de "O Paraíso via Embratel"<sup>(2)</sup>, conta-nos, em uma pesquisa-romance, muito séria e gostosa de ser lida, sobre as transformações que alteraram a cor local. Em Ibitinga, antes da TV, conviviam, num mesmo indivíduo, as contribuições de uma cultura mais erudita e outras, originadas da cultura popular, posto que a mediação entre

ambas era constante e contínua. Da mesma forma, por exemplo, a nível de linguagem, conviviam elementos típicos da oralidade espontânea e da literatura; do circo e da conferência; da tourada e do drama. A reunião das pessoas se dava, nas noites quentes, em cadeiras, nas calçadas das ruas, para "prosear". Falava-se em Ibitinga a linguagem comum, "caipira" do interior. Fazia-se o "footing" na praça pública.

Com o advento da televisão, a cidadezinha mudou; a praça ficou vazia (saudosismo e passadismo não fazem parte do relato); o falar natural, "caipira", deu lugar a uma preocupação hiperurbanista, bem como à reprodução de clichês verbais e "slogans" veiculados pelos comerciais da televisão; a própria moda não mais chegava por intermédio de figurinos ou revistas variadas: o mostrado pelas heroínas das novelas é que estava em voga, mesmo que o lugar e o clima não condissessem com o que se usava.

E as cadeiras? Quanto às cadeiras, elas continuaram lá, nas calçadas de noites quentes, mas viradas ao contrário, de costas para a rua, a fim de que ninguém perdesse o espetáculo oferecido pela TV.

Na verdade, essa TV de que nos fala Milanesi em Ibitinga é um pouco a mesma TV que influiu em todo o país, onde os esquemas sociais só aparentemente mudaram e os esquemas econômicos foram se tornando mais e mais dominantes, exigindo também, cada vez, mais e mais, uma atitude consumista por parte do espectador que, julgando-se pessoa, não passa na verdade de mero objeto diante do produto exibido o qual, sim, se torna o sujeito-indivíduo-real das ações, pois como bem nos mostra Adorno, ao se referir à Indústria Cultural, "cada produto apresenta-se como individual; a individualidade mesma contribui para o fortalecimento da ideologia, na medida em que se desperta a ilusão de que o que é coisificado e mediatizado é um refúgio de imediatismo e de vida"<sup>(3)</sup>.

Importantíssimo também no texto de Milanesi é o paralelo estabelecido entre essa TV, reforçadora e mantenedora de uma dada ideologia (poderia não o ser, acrescento), e a escola, mostrando identidades entre ambas — e que podem ser muito úteis ao educador.

Acha Milanesi que TV e Escola não são formas contrastivas nem conflitantes de existência, posto que mantidas pelo mesmo poder; assim ambas caminham na mesma direção: sempre da instituição para a criança e nunca ao contrário; ambas mantêm a criança e o jovem sob uma certa passividade. TV e escola, de certo modo, se completam, posto que a primeira determina *os fins* e a última ensina *os meios*; enquanto a escola "impõe", a TV "oferece" — porém tanto uma quanto outra não estimulam (ou até impedem) a reflexão e o pensamento crítico.

Um outro fato a considerar e que sempre surge ao nos defrontarmos com matérias sobre TV é aquele referente ao problema de como entender TV e os conteúdos por ela veiculados.

Em seu estudo sobre Indústria Cultural<sup>(4)</sup>, Teixeira Coelho, mesmo demonstrando preocupação com estrutura e conteúdo dos veículos e, sem perder de vista o binômio alienação/revelação que os referidos veículos possam provocar, propõe uma análise dos produtos da Indústria Cultural

através da *significação* (grifo meu), utilizando-se para tanto dos caminhos propostos pela semiótica.

Deste modo, pensando-se em TV, uma análise por meio da significação deveria ocorrer em três níveis (conforme as categorias do signo, propostas por C. S. Peirce); *ao nível da consciência icônica* (que seria, por assim dizer, uma consciência de intuição, a qual, sem necessariamente formar juízos, conduziria a descobertas, ainda que não passíveis de demonstração); *ao nível da consciência indicial* (que se desenvolveria no sujeito a partir de contemplações rápidas e transitórias, onde não haveria lugar para a intuição, nem para a revelação); *ao nível da consciência simbólica* (que, caracterizada por um predomínio da lógica, levaria o indivíduo a conhecer realmente as *causas*, os *porquês* das coisas, não permanecendo assim ao nível dos simples atos de intuir ou contemplar.

Não obstante, observa-se que, no tocante à nossa TV, essa possibilidade de distinguir a razão das coisas, bem como a capacidade de interpretar logicamente causas e conseqüências, parece cada vez mais difícil, de sorte que se verifica na televisão uma tendência muito acentuada para se *ver* apenas o signo indicial e o "índice não aponta nunca para a coisa em si, mas para algo que não é a própria coisa"<sup>(5)</sup>.

Ainda que considere a análise semiótica como aquela que melhor entrelaça os planos da significação e que mais satisfatoriamente, portanto, equaciona os dados da realidade, uma vez que "coloca o problema na maneira de ver o mundo" e não só no *conteúdo* ou na *estrutura* dos veículos, mesmo assim Teixeira Coelho acredita que devam estar presentes em um estudo elementos de todas as abordagens mencionadas (conteudística e estrutural), além de outras eventuais que se mostrarem relevantes.

O autor, finalmente, após detalhadas reflexões e partindo sempre de raciocínios bastante rigorosos, confirma uma realidade já bem sentida por todos nós, ao dizer que "nenhuma sociedade existente e que queira dar início a um processo de profundas alterações internas pode dar-se ao luxo de dispensar um meio como a TV e os produtos, por ela, gerados"<sup>(6)</sup>.

Ainda que possam parecer um tanto *mosaicos* esses "clozes" tomados cá e lá, a partir de enfoques e autores diversos (o que, convenhamos, não é nada impertinente quando o tema é TV), gostaria de continuar analisando outros trabalhos.

Também de excelente nível é *O Monopólio da Fala*, de Muniz Sodré<sup>(7)</sup>. O autor inicia seu texto afirmando que qualquer análise de TV não deve prescindir de "uma leitura semiológica que tenha a História como dimensão imprescindível" — opinião de que compartilho integralmente.

Muniz Sodré, ainda que tratando de vários problemas, atenta para um aspecto que particularmente me é muitíssimo especial, qual seja: o da "relação" verbal entre emissor-receptor em televisão. Antes porém de prosseguir com as discussões desse autor, gostaria de *cometer* algumas *digressões necessárias* para refletir um pouco sobre as posições de Adorno, relativas evidentemente à natureza da TV e sobremaneira à linguagem da TV. Assim, em três momentos diversos, o grande teórico da escola de Frankfurt, afirma o seguinte:

“A televisão permite aproximar-se da meta que é ter de novo a totalidade do mundo sensível em uma imagem que alcança todos os órgãos, o *sonho sem sonho* (grifos meus); ao mesmo tempo permite introduzir furtivamente na duplicata do mundo aquilo que se considera adequado ao real”.

“A televisão usa fundamentalmente a linguagem das imagens que dispensa a mediação conceitual — e a linguagem das imagens é mais primitiva que as palavras.”

Afirma ainda Adorno que o discurso verbal da TV se faz por sombras e “que as sombras vistas na tela da TV falam, mas o seu discurso é talvez ainda mais redundante do que no filme: simples acessório das imagens, sem exprimir uma intenção, sem espírito, mas simples esclarecimentos dos gestos, comentários das indicações derivadas da imagem”<sup>(8)</sup>.

Em razão da admiração profunda que tenho pelos teóricos da Escola de Frankfurt, sinto-me bastante à vontade para tecer algumas considerações.

Primeiramente não creio possível obter-se a totalidade do mundo sensível em uma imagem que alcance todos os órgãos, mesmo a nível de um “sonho sem sonho”.

Em segundo lugar, ainda que concorde inteiramente com Adorno ante o fato de que a linguagem das imagens é mais primitiva do que a das palavras, aproveito também para discordar de sua afirmação de que a TV dispensa a mediação conceitual da palavra. TV não é só imagem; é palavra, é conceito também, ainda que no mais das vezes fragmentário. O caráter indicial predominante nos signos televisivos (e nos verbais da TV também) constitui-se no fator que impede a necessária mediação conceitual entre imagem e palavra. Portanto, não se trata de “dispensar” a referida mediação, antes de impedir que ela se realize.

Finalmente e mais uma vez concordando, de início, com Adorno quanto à existência de um grau muito maior de redundância encontrado no discurso televisivo (característica que lhe é inerente) que no discurso filmico, discordo novamente do grande teórico, visto que não penso que o discurso verbal da TV seja “simples acessório de imagens”, “simples esclarecimentos de gestos”. Sem dúvida, excessivamente indicial, unívoca e unidirecional, falha, rarefeita e redundante, a linguagem verbal da TV tem, apesar de tudo, uma função própria que excede àquela de suporte da imagem — ela, linguagem, constitui-se em redundância pura e que garante a necessária repetição de repertório; ela, linguagem, é esclarecedora dos gestos que, por seu intermédio, transformam-se em força e persuasão. Enfim, a linguagem verbal da TV, que se torna TV também, é tão importante quanto a imagem (ou tão perigosa quanto ela) pois, fundamentalmente através dessa linguagem, de seus imperativos e superlativos é que obedecemos às leis do consumo, treinando nossos ouvidos para apenas escutar e nossos lábios para permanecerem mudos.

Experimentemos, à guisa de brincadeira, tirar o som, o diálogo entre personagens de uma novela já nossa conhecida. A menos que saibamos ler lábios e sob a rígida condição de que todas as personagens se coloquem de frente para o vídeo — não entenderemos nada! Ora, o contrário já não se dá: eliminadas as imagens e mantido o som, mantidas as falas, sabe-

remos, ainda que indicialmente (como também se daria com a presença da imagem), saberemos exatamente do que se trata — como nas novelas do rádio.

Mas, voltemos a Muniz Sodré. O autor, com muito espírito e certa dose de agressividade necessária ao assunto, nos fala de *natureza e conceito* da TV, mostrando-nos suas fundamentais características. Percebemos então, por meio de suas reflexões, o estabelecimento da relação unilateral, mas pretensamente recíproca, instaurada por lei entre emissor e receptor, o qual, por meio de seu continuado e constante silêncio, não passa de mero usuário do veículo, sem conseguir sequer pensar em responder “a palavra irrespondível de um outro” — momento em que se obriga, enquanto pretendo-sujeito-receptor da mensagem —, obriga-se “a abrir mão da comunicação oral para não mergulhar no caos do sentido”<sup>(9)</sup>.

Caberia neste ponto uma indagação da maior seriedade: se a TV adota (e o poderia fazer diferentemente) um esquema unilateral, a nível de emissor-mensagem-receptor, por meio da linguagem da imagem e também (fundamentalmente) por meio da linguagem verbal vinculada a essa imagem, em que medida é lícito chamar tal processo de comunicação? Somente é válido pensar-se em ato de comunicação real, verdadeiro, quando nos defrontamos com um processo de troca interpessoal, de interação social e intersubjetiva — bases essenciais para o desenvolvimento da dialética que deve caracterizar os esquemas mais avançados de pensamento e comunicação verbal.

Caso permaneçamos no âmbito do processo da chamada “comunicação” unilateral, que aspectos psicológicos e/ou sociológicos estariam envolvidos nos processos de recepção e percepção do ouvinte?

Na verdade, a pseudo-pretensa comunicação interpessoal que se faz na TV que conhecemos decorre, segundo Muniz Sodré, de uma “absoluta abstração com respeito à situação real da comunicação humana”, pois o que existe é antes uma produção fechada de sentido, bem como uma grave “não reciprocidade entre falante e ouvinte”<sup>(10)</sup>.

Com referência aos aspectos educacionais propriamente ditos, ainda que não se prenda fundamentalmente a eles, o autor nos dá, enquanto educadores, indicações preciosas que merecem ser analisadas e discutidas.

Em primeiro lugar adverte para o fato de que o veículo se mostra como um “manual de virtudes”, utilizando para justificar-se uma filosofia do senso comum.

Em segundo lugar, por total impossibilidade (sobretudo no Brasil) de prática e observação diretas, as quais dariam posteriormente origem a um possível discurso científico, a TV “troca o saber científico por um discurso sobre esse saber”, criando assim, como vemos em programas do tipo “Fantástico”, uma ciência reduzida ao “fait divers” e que acaba descambando para um pedagogismo do “poder tecno-científico”.

Pelo que se viu até agora, parece que estamos um pouco “apocalípticos” demais, correto? Parece que a TV vem apresentando mais defeitos que qualidades, causando mais problemas que realizações satisfatórias. Isso em parte é verdadeiro. E por que razão? Evidentemente pelo mau uso que

se faz do veículo (que em si é neutro). Se os problemas a enfrentar são sérios e envolvem sobremaneira crianças de 3 a 13 anos (cujo nível de assistência chega, por exemplo, nos Estados Unidos, a 54 horas semanais, entre os menores), que fazemos nós, enquanto indivíduos educadores e, de forma mais ampla, enquanto educadores pertencentes a uma determinada instituição?

Não é para ninguém se desesperar, nem desanimar. Como é possível verificar por esses relatos já feitos, as "coisas" vêm caminhando e até que bem! Questionamentos amplos e estudos muito sérios, das mais variadas naturezas, estão sendo desenvolvidos sobre a Criança e a TV, TV e Escola, Família e TV — TV essa que se constitui, sem dúvida, na mais palpável e absoluta realidade de nosso tempo, tempo esse, já de per si, caracterizado como sendo o de uma *civilização da imagem*.

Esses aspectos e questionamentos podem ser discutidos em vários níveis: de forma mais geral, como já fizemos até agora; de maneira mais específica, tentando entender melhor o que se faz com TV strictu sensu ou ainda de um modo que poderíamos chamar "especializado", através do qual tentaríamos abordar estudos que se dêem em áreas mais diferenciadas — como por exemplo aqueles que buscam equacionar certas relações do tipo: TV-Escola-Família; TV-Criança-Grupo Social; TV-Criança-Comportamento Verbal, entre muitas outras possibilidades.

Inicialmente, gostaria de falar sobre alguns trabalhos levados a cabo com TV propriamente dita, realizados em vários países e que, segundo parece, surtiram resultados positivos.

Temos, por exemplo, a experiência espanhola da TVE de Barcelona, que promoveu amplo seminário sobre o tema específico: "A televisão e as crianças". Após muito trabalho e discussões sérias, chegaram a conclusões que, aparentemente simples, acabaram por se transformar em exigências efetivas junto às autoridades do país. E que encontraram de negativo os espanhóis em sua TV? Por um breve resumo observamos:

- Porcentagem excessiva de ficção científica;
- Pouca margem para exercício da imaginação da crianças em programas a elas dirigidos;
- Aceitação tácita da violência como algo natural;
- Esquemas argumentativos extremamente simples, pobres e repetidos à saciedade;
- Apresentadores de programas infantis adotando modulações de voz e modismos ridículos ao se dirigirem a crianças;
- Publicidade excessiva, levando ao consumismo desenfreado;
- Complacência exagerada por parte dos telespectadores, os quais, ao se darem conta de que um programa não trazia problemas graves, por conformismo, acabavam por considerá-lo bom;
- Falta de capacidade imaginativa e por conseqüência incapacidade também de exigir o serviço informativo, formativo, cultural, pedagógico e de lazer que qualquer TV pode e deve oferecer ao público.

- Finalmente, comprovação do baixo nível pedagógico da TVE que se mostrou como reflexo do contexto cultural em que essa mesma TV se movia<sup>(11)</sup>.

Como se pode observar, ainda que as conclusões se prendam basicamente ao *aspecto conteudístico* da TV, muita coisa poderia ser utilizada (até por um simples processo de transposição direta) na realidade brasileira.

Na Holanda, houve também reações e mudanças (estruturais e a nível de conteúdo). Cansados pelo excesso de comerciais, bem como aborrecidos com o apelo e o incentivo ao consumismo, mudou-se o esquema da TV holandesa. (Diga-se, de passagem, que também lá as licenças para as TVs são outorgadas por um órgão do governo, mas com a diferença de que esse órgão proíbe por lei que tais emissoras se autofinanciem por meio de emissões comerciais).

Assim, na TV holandesa, o tempo dos comerciais (além de os mesmos não poderem interromper a programação) é vendido por intermédio de um outro órgão, independente do governo. Deste modo, a responsabilidade direta entre os anunciantes não é da emissora — o que permite aos produtores melhorar o nível de suas realizações.

Temos ainda a relatar o testemunho de programas como "The Electric Company", produzido pelo grupo Children's Television Workshop e "Sesame Street" que, apesar de algumas controvérsias e críticas procedentes, mostraram muito bons resultados entre crianças em idade pré-escolar.

Outras experiências, já agora dirigidas aos maiores e com o objetivo de incentivar o gosto pela leitura e pela escrita, obtiveram grande êxito, sobretudo na Inglaterra, como ocorreu com as produções: "The Book Tower" e "To think again". Também as televisões: alemã, norueguesa, finlandesa, tcheca têm levado adiante excelentes trabalhos e conseguido ótimos resultados junto a telespectadores jovens e crianças — o que prova ser possível *fazer bem uma boa televisão*.

Finalmente, chegando àquelas experiências que chamamos "especializadas", pois que nos remetem imediatamente à educação (não que as anteriores não o fossem), teria que me reportar a dois trabalhos fundamentais: de Marie Winn Miller e de Mireille Chavón e colaboradores.

A primeira autora em *The Plug-In Drug*<sup>(12)</sup> estuda profundamente as relações e necessidades verbais e não-verbais da criança em contato com a TV. Atenta para um aspecto importantíssimo, qual seja, o de que as imagens da TV — rápidas e mosaicas — não necessitam decodificação e muito menos constituem-se em objeto de transformações simbólicas, conformando assim, sobretudo o pequeno telespectador, em um receptor passivo. Em conseqüência desses fatos, Marie Winn Miller alerta para a possibilidade de a TV, *se não for bem orientada*, funcionar como um freio ao desenvolvimento e conseqüentemente (ou concomitantemente, acredito), ao desenvolvimento verbal, sobretudo da criança menor, que é também aquela que mais horas/dia permanece diante do vídeo.

A autora estuda seriamente o funcionamento dos hemisférios cerebrais da criança, em função das recepções de TV. Parece-nos que vem obtendo resultados espantosos e muito bem embasados cientificamente.

Por seu turno, Mireille Chalvón e colaboradores na obra *L'enfant devant la Télévision*<sup>(13)</sup> busca e consegue estabelecer relações mais estreitas e diretas entre TV e Escola (ponto básico a que nos propusemos de início), bem como entre TV e Família. Segundo a autora, é preciso que a escola, "que foi concebida para um mundo sem televisão", incorpore real criatividade e criticamente esse novo e definitivo fenômeno que veio para ficar — o qual, por seu lado, deve passar também a transmitir idéias, trabalhar sobre conceitos e não se prender apenas a imagens. Seria preciso ainda mudar a escola para que esta se abrisse à pluralidade de tempos novos e novos textos (que não apenas o escrito). Assim, a escola absorveria o texto televisual e a TV, por sua vez, se incumbiria de incentivar a leitura e a escrita — fatos que já têm se mostrado viáveis.

Caberia portanto muito mais à TV, que a outro medium qualquer, enquanto detentora da civilização da imagem, amenizar a própria figura um tanto amedrontada que dela se faz. A luta por uma pedagogia da televisão poderá tornar ativos e críticos os telespectadores de todo o mundo.

Comunidades abertas — providas de regimes políticos democráticos — evidentemente irão promover a revisão e o crescimento do processo crítico e dialético de seus próprios "media", sejam eles à base de imagens ou não. Dessa maneira, não haverá o que temer, pois como diz Umberto Eco, "a linguagem da imagem sempre foi o instrumento de sociedades paternalistas que subtraíam aos seus dirigidos o privilégio de um corpo-a-corpo lúcido com o significado comunicado. E por trás de toda direção da linguagem por imagens, sempre esteve uma elite de estrategos da cultura, educados pelo símbolo escrito e pela noção abstrata. Uma civilização democrática só se salvará se fizer da linguagem da imagem uma provocação à reflexão crítica, não um convite à hipnose"<sup>(14)</sup>.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 2.
- (2) MILANESI, L. A. *O Paraíso Via Embratel*. Rio, Paz e Terra, 1978.
- (3) ADORNO, T. W. "A Indústria Cultural". Apud COHN, G. (org.) *Comunicação e Indústria Cultural*. 4.<sup>a</sup> e., São Paulo, Ed. Nacional, p. 289.
- (4) COELHO, T. *O que é Indústria Cultural*. 5.<sup>a</sup> e., São Paulo, Brasiliense, 1981.
- (5) Op. cit., p. 72.
- (6) Id., ib., p. 44.
- (7) SODRÉ, M. *O Monopólio da Fala*. 3.<sup>a</sup> e., Petrópolis, Vozes, 1981.
- (8) ADORNO, T. W. "Televisão, Consciência e Indústria Cultural". Apud COHN, G. (org.), op. cit., pp. 347-351.
- (9) SODRÉ, M. Op. cit., p. 18.
- (10) Id., ib., p. 30.
- (11) Condensado a partir de LIEBERT, R. M. et alii. *La TV y los Niños*. Barcelona, Ed. Fontanella, 1976, pp. 358 e seguintes.
- (12) MILLER, M. W. *The Plug-In Drug*. Viking Press, N. York, 1977.
- (13) CHALVON, M. et alii. *L'Enfant devant la télévision*. Casterman, Belgique, 1979.
- (14) ECO, U. Op. cit., p. 353.